



PRO-VIMARANE



QUIZENARIO DEFENSOR DOS INTERESSES DA CIDADE E CONCELHO

Editor, B. FARIA MARTINS. Director, DR. JOÃO O. BASTOS Adm.-Delg., JOÃO S. S. RIBEIRO.

Propriedade da Empresa "PRO VIMARANE,"

Redacção e Administração: R. Republica. 24

COMPOSTO E IMPRESSO NA "TIPOGRAPHIA LUSTRADA, R. GRAVADOR MOLARINHO, 47 GUIMARÃES

POR motivos estranhos á vontade da gente que neste periódico trabalha, não se publicou o presente número no seu dia respectivo, pelo que pedimos desculpa aos nossos assinantes.

□ □ □

DO próximo número 13 em diante vai o nosso jornal sofrer uma grande transformação, passando a ter uma vasta secção de noticiário, o que por certo interessará o leitor.

Reservamos para esse número uma agradável surpresa que muito virá interessar as damas da nossa terra.

Haja, pois, paciência até lá.

□ □ □

COMEÇAM a ter efectivação alguns dos melhoramentos annunciados numa entrevista há tempos publicada pelo nosso jornal.

Oxalá que tudo se cumpra — à excepção da mudança do chafariz — para que o embelezamento da cidade não passe de simples palavriado ou de irrealizáveis projectos.

□ □ □

FINALMENTE!...

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal entendeu mandar lavar essa porcaria que *ornamenta* uma grande quantidade de prédios cidadãos.

Ainda bem. Torna-se necessário, porém, que essa disposição camarária se cumpra até ao fim.

□ □ □

DEVEM encontrar-se brevemente entre nós um ou dois membros do governo, como noutro lugar dizemos, e é preciso que toda a gente se prepare para bem os receber.

Há questões de capital interesse a resolver.

Não há o direito de cruzarmos os braços quando temos os nossos interesses e a civilização da nossa cidade em risco.

Queremos progredir, não queremos estacionar ou retroceder.

Ninguém abdica dos seus ideais políticos, contribuindo para o brilhantismo duma recepção a um ministro que nos visita, única e simplesmente para avaliar *de visu* da justiça das nossas reclamações.

□ □ □

CHAMAMOS a atenção do sr. administrador do concelho para o que todos os dias se está dando, nesta cidade, com o emprêgo da linguagem indecorosa.

Não se pode admitir que em plenas ruas públicas se faça uso duma linguagem indecorosa, sem respeito por ninguém, nem pela moral, ouvindo-se, a cada instante, homens e mulheres empregarem palavões que bradam aos céus.

Que S. Ex.^a faça por reprimir tais abusos, castigando os que a cada passo para aí empregam obscenidades?

Mas, agora nos lembamos, como há-de S. Ex.^a atender-nos... se não existe polícia?

Contra a maré...

Mais uma vez, de longada até Lisboa, foi uma dúzia de bons vimezanenses, no desempenho de uma missão elevada, com o desígnio de procurar obter para a nossa terra a satisfação de uma necessidade que só os miopes ou os falhos de espírito podem não ver.

Mais uma vez... Mais uma vez — e, como da anterior, como de todas as outras, esta romagem até aos Poderes Públicos vai, por certo, resultar improficua, vai, muito naturalmente, ter a mesma resposta negativa.

Glorioso destino, o nosso! Dir-se-há que por sobre nós caiu dura, tremenda excomunhão. Já não fazemos parte da mais gloriosa, da mais nobre de todas as terras de Portugal. Vivemos numa gafaria. O nosso contacto é perigoso. Há que collocarmos neste recanto do Minho em estado de isolamento, sem comunicação com os meios civilizados.

... E desejavamos nós que nos concedessem aquilo que já tivemos e que jamais nos foi contestado... E queríamos nós que não nos esfrangalhassem o Concelho, que nos deixassem a G. N. R., que nos mantivessem uma unidade militar, que misericordiosamente nos presentearassem com uma esquadra de polícia...

Estultas pretensões?!...

Pagar para os cofres públicos mais que quaisquer outros — sim. Receber do Estado, não benefícios, mas o simples reconhecimento de direitos — não.

... E querer o contrário é remar contra a maré...

Permitam-nos, porém, que façamos um breve exame de consciência. Deixem que a nós próprios nos interroguemos. Que temos feito, quais, dos nossos actos, aqueles que possam justificar o abandono a que nos votaram? Servirá Guimarães apenas como tropo literário? Ficaremos, de hoje em diante, condenados a servir de linda flor de retórica? Não nos satisfazem as nossas reclamações? Não atendem os nossos pedidos? Não reconhecem os nossos direitos? Ignoram o quanto temos contribuído para o desenvolvimento e para o bom nome da Pátria?

— Tudo isto é assim, mas consolemo-nos: ficamos sendo ainda o *Berço*. Que pode querer do Estado quem tem já um castelo com muitos séculos de anos, as correntes com que o 1.º Afonso prendeu a mãe, os restos das muralhas do velho burgo e outras mais relíquias gloriosas?

Remediemo-nos com o passado e resignemo-nos tristemente com o presente...

O DOIDO

*Havia numa aldeia um doido, um desgraçado,
Que às vezes a chorar ia bater à porta
De um cemitério, à noite, aos gritos, desgrenhado,
A chamar pela mãe, que ali jazia morta.*

*E à sua dor profunda, e à sua voz sombria,
De cada vez somente um eco respondia:*

*O amante que procura em vão achar piedade,
O que anda desgarrado, ouvir um brado amigo,
O que vive na sombra, olhar a claridade...
O' doido, ó infeliz, parecem-se contigo.*

J. LEITE DE VASCONCELOS.

OS jornais teem ultimamente noticiado o que pensa a comissão encarregada de estudar a redução da Guarda Nacional Republicana, e há dias diziam que, por virtude dessa redução, seriam aumentados os efectivos policiaes criados e a criar em várias cidades do país.

A Câmara Municipal de Gaia fez uma proposta ao Governo em que oferecia quartel e 60 contos anuais para lher ser criada uma corporação de policia.

Nós continuamos na mesma. Fez-se uma representação ao Governo e não nos mexemos.

Na contingência de vermos reduzido ou extinto o posto da G. N. R., não apertamos com o fiado.

Não, isto assim, não está certo. E' preciso insistir, lembrar. E' necessário dizer ao Governo que Guimarães é uma cidade do continente português, somos uma terra situada numa das provincias portuguesas, dum distrito administrativo também português; somos, enfim, portugueses de Portugal, *caramba!!!*

E' isto uma verdade incontestável e que parece se ignora.

□ □ □

E' indecoroso o que se presenciar e se lê nas parêdes das repartições públicas, como o correio e tesouraria de finanças. E' cada palavra e cada *desenho* de nos fazer estarrecer. Seria bom que cada um agisse por conta própria esfregando o focinho dos *profissionais* quando fôsem apanhados em flagrante delicto de tais *gracinhas*.

Valeu?

□ □ □

HÁ dias, no «Noticias», encontrei-me com um amigo velho, de Peniche, ... o Braga.

Falamos de tudo: do chafariz do Carmo, do monumento a Gago Coutinho, da fábrica de perfumaria ao lado do quiosque da Independência, de Vizeira, etc.

A certa altura... o Braga, muito pezaroso, muito... cinico, disse-me que há um tempo para cá, um mau sestro o perseguia. Que lhe tiravam tudo de casa: os cavalos, o feijão verde, enfim, êle que não fazia mal a ninguém...

— Ora, ora amigo Braga! E, então, eu? Uns vinte amigos que tinha ali para ao pé do Castelo, de que já só restam 2, e êsses mesmos em riscos de me voltarem as costas? Eu, que tantos mocinhos livrava da tropa!

Nem resposta deu, e raspou-se à francesa.

Só ali, ao virar da barreira do Proposto, é que lhe ouvi dizer:

— Isso não é comigo....

□ □ □

REALIZA-SE no próximo dia 10 de Julho nesta cidade o banquete comemorativo do 10 aniversário da fundação da Associação de Classe dos Empregados Viajantes e de Praça do Norte, seguido de um passeio à Penha.

Unidade militar

Guimarães será, finalmente, atendida nas suas reclamações?...

Transcrevemos a seguir a representação que, há dias, foi lida ao sr. Ministro da Guerra pela comissão de vimaranenses que a Lisboa foi tratar do estabelecimento nesta cidade de uma unidade militar.

E' já do domínio público a resposta dada aos comissionados, resposta que está muito longe de ser satisfatória. Dentro das possibilidades do Tesouro—melhor se diria, dentro das suas misérrimas dificuldades—alguma coisa poderemos conseguir... Este «alguma coisa» é tam problemático como o mais profundo e complicado caso algébrico.

A ver vamos — como dizia o Santo.

Quando para isso se apresentar a oportunidade, S. Ex.^a o sr. Ministro da Guerra virá, consoante promessa sua, visitar Guimarães. Fazemos os mais ardentes votos por que, então, alguma coisa de positivo se consiga.

Excelentíssimo Senhor Ministro:

Os homens que neste momento estão diante de V. Ex.^a representam o velho burgo vimaranense, o rincão glorioso donde safu a Nacionalidade, veem junto do Govêrno animados do fervoroso desejo de, advogando calorosamente uma causa que reputam justíssima, prestar um serviço desinteressado à terra que muito amam e que anseiam ver cada vez mais progressiva.

Não somos políticos, não é político o nosso objectivo. Traz-nos de Guimarães, terra de trabalho e de ordem, o cumprimento do dever, de zelar pelos seus interesses e de defender o seu bom nome.

Estão aqui representantes de todos os organismos e classes sociais. Dêsde as corporações de carácter intelectual e científico, como a Sociedade Martins Sarmiento, até àquelas em que se agrupam humildes trabalhadores, desde os grandes industriais até aos mais modestos comerciantes, todos aqui se fazem representar e todos nos conferiram o mandato imperativo de em seu nome falarmos ao Govêrno, com o respeito próprio de homens disciplinados, mas também com a nobre altivez de quem pugna pelos legítimos direitos da sua histórica terra.

De há tempos vem Guimarães sendo desatendida pelos Poderes Públicos nas suas fundadas pretensões e atendíveis reclamações. E êsse quasi abandôno a que a votaram os mesmos Poderes, sentem-no, profunda e entristecidamente, os vimaranenses, que teem a consciência de sempre terem sabido ser bons portugueses.

Se algum equívoco existe que possa ter colocado mal a nobilíssima cidade do Conquistador perante os Poderes Públicos, êsse equívoco certamente não subsistirá quando daqui sairmos.

Os habitantes de Guimarães, Senhor Ministro, são ordeiros, laboriosos e amigos da sua terra. Interessa-os muito pouco a política porque inteiramente os absorve o trabalho. Viram com imensa satisfação, com patriótico entusiasmo, o triunfo do movimento de 28 de Maio. Sentiam, como todos os bons portugueses, as dores da Pátria, e o movimento cujos princípios o Govêrno procura tornar efectivos, trouxe-lhes a certeza do resgate dos erros passados e a confiança absoluta num futuro próspero; e esta confiança a sentiram radicada e mais viva ainda há pouco por ocasião do triunfo da Ordem. E seria cruel injustiça o pretender atribuir-se-lhes qualquer responsabilidade no facto de alguns elementos militares que faziam parte do Batalhão de Metralhadoras n.º 2 se terem sublevado... Os vimaranenses, hoje como sempre, são pela Ordem e pela Disciplina porque querem trabalhar, porque querem progredir.

Digamos, porém, a V. Ex.^a ao que vimos.

Devido às conseqüências do último movimento revolucionário, Guimarães está, por virtude da extinção do Batalhão de Metralhadoras n.º 2, ameaçada de ficar desguarnecida de qualquer unidade militar, colocada por êsse modo no mesmo paralelo das pequenas terras, destituídas de importância e improgressivas. E no entanto, é incontestável que o Govêrno já reconheceu a vantagem e o direito que Guimarães tem a que nela seja colocada uma unidade militar, pois deslocando desta cidade o heróico Regimento de Infantaria 20 organizou e colocou nela aquele Batalhão.

Desnecessário se torna referirmo-nos às tradições históricas, aos gloriosos pergaminhos que ennobrecem a vetusta Vimarane, que sempre tem sabido amar a Pátria com o carinho, com a ternura, com a dedicação

de Mãe extremozíssima. Do patriotismo, das qualidades, da energia, da coragem, da valentia dos vimaranenses nossos antepassados dizem bem eloquentemente estas palavras cheias de beleza dum morto ilustre: «Os homens afeitos na labuta do trabalho tinham-se habituado também à defesa dos muros. A mesma mão brandia, com pericia igual, o malho ou a acha, e a mesma tranquilidade reinava nos corações quando se debruçavam sôbre os tanques de curtimento ou sôbre o parapeito das muralhas.» E da forma como se portaram, na conflagração europeia, os serranos heróicos da nossa terra, fala, em linguagem sublime, a Cruz de Guerra que ostenta a bandeira do Regimento de Infantaria 20, retirado de Guimarães pelas exigências da última reorganização militar.

Comparável à heróicidade dos filhos de Guimarães, quando periga a Pátria, só o esforço do seu trabalho, a sua persistência em progredir nos tempos de paz. Guimarães é hoje uma das cidades mais importantes do país. Poucas teem, como ela, uma tam intensa vida industrial e comercial. As indústrias e o comércio de Guimarães honram Portugal. As manufacturas que saem das fábricas e oficinas vimaranenses enfrentam bem o que de melhor se produz no estrangeiro. Ainda há bem pouco tiveram ocasião de o constatar os Ex.^{mos} Ministros do Comércio e da Instrução.

A importância de Guimarães, o seu lugar marcante na vida económica nacional, mostra-se bem saliente no quantitativo avultadíssimo com que contribue para as despesas gerais do Estado, pagando, ela só, de contribuições, mais de que todos os outros concelhos do distrito de Braga.

Isto quanto ao reconhecido direito que a Guimarães assiste de possuir, tal como outras cidades de muito menor importância, uma unidade militar. A demonstração de que êste direito corresponde a uma necessidade absoluta é bem fácil. Basta atentar em que as condições económicas da vida presente, o constante agravamento dos preços, a crise porque vai passando algumas indústrias, todo um sem número de factores por demais conhecidos, determinando um ambiente social de natureza especial, muito propenso às grandes agitações, impõem, especialmente nos meios em que é avultado o número de operários — como Guimarães, onde atinge uma cifra elevadíssima —

um cuidado e vigilante serviço de Ordem.

Senhor Ministro:

Creemos ter demonstrado quão justa é a pretensão de Guimarães e quão necessário se torna o seu deferimento. Explanar mais razões, invocar mais argumentos seria como que duvidar do esclarecido critério de V. Ex.^a. Se porventura não estivessemos convencidos de que vinhamos de pleitear por uma causa nobre, se não nos animasse a certeza de que pugnamos por interesses fundamentais, se não nós movesse o ardente desejo de ver satisfeita uma necessidade impositiva, de ver realizada uma aspiração bem legítima, não estariamos neste momento falando a V. Ex.^a, não teríamos vindo incomodar no seu porfiado labor o Homem que mais vem fazendo pela reconstrução da Pátria.

Deixar Guimarães sem qualquer unidade militar seria quebrar o fio de uma tradição gloriosíssima, seria abandonar um meio social de grande importância à contingência de sofrer sem defesa rápida e eficiente o embate de graves perturbações.

O desgosto profundo que traria à mais portuguesa das cidades de Portugal o indeferimento da pretensão que nos fez vir junto de V. Ex.^a não pode definir-se. Estamos, porém, confiantes em que levaremos aos nossos contentes uma agradável certeza. E por isto, neste momento em que por virtude dos últimos acontecimentos, se vai realizar uma modificação na colocação de unidades militares, vimos pedir a V. Ex.^a que uma fique colocada em Guimarães.

Se V. Ex.^a nos desse a honra de visitar a terra que representamos — vindo assim ao encontro do vivo desejo de todos os vimaranenses, que anseiam por prestar a V. Ex.^a as suas calorosas homenagens — teria então ocasião de observar *de visu* a verdade de tudo quanto acabamos de afirmar. Do espírito de V. Ex.^a desapareceriam tôdas as dúvidas...

“Jornal Português,,

Recebemos a visita do “Jornal Português”, bi-semanário que se publica no Rio de Janeiro. E' um periódico que se apresenta bem redigido e que nos revela o quanto se interessam pela sua Pátria os nossos patricios de Além Atlântico.

Agradecemos e vamos permutar.

S. Francisco de Assis

Todo o mundo católico tem prestado ao *Pobresinho de Assis* as suas homenagens. A propósito da passagem do VII centenário da morte do maravilhoso autor do *Cântico do Sol*, do grande cantor e prégador das glórias e da humildade de Jesus, todo o mundo se tem associado às festas que a Igreja decretou.

Nesta cidade e por iniciativa da V. O. T. de S. Francisco, realizou-se a semana franciscana, enaltecendo a figura inconfundível do *Poverello*, a que Giotto, rendeu as maiores homenagens nos frescos da catedral de Assis.

Estas imponentes cerimónias foram iniciadas por uma magnífica conferência em que a vida de S. Francisco foi magnificamente exaltada pelo distinto orador e sábio sr. dr. Gomes Teixeira.

Nas cerimónias religiosas que se realizaram no vasto templo de S. Francisco, foi prégador o rev. Eduardo Lamas.

A fechar a semana franciscana veio realizar, no nosso teatro, uma conferência sob o tema *S. Francisco de Assis e a visão franciscana da Vida*. o ilustre Professor sr. dr. Leonardo Coimbra. A sua bela oração foi muito apreciada e aplaudida.

De mal a peor

Uma desgraça nunca vem só, diz a sabedoria popular, e é bem certo. De há uns tempos a esta parte a desgraça tem-nos perseguido. Se assim caminharmos ficaremos em breve reduzidos à expressão mais simples; isto é: — reduzidos a pó. O destino, ultimamente, tem-se dado a estas fantasias que tantos cuidados e canseiras nos têm acarretado.

Coube agora a vez ao nosso passado histórico. Lá se nos vão as figuras heróicas que nós consideravamos tam nossas que sempre as tivemos no coração. Mas agora... — ah, agora! — estamos sofrendo a mais cruel das desilusões.

Afonso Henriques não nasceu em Guimarães. O quadro da *História de Portugal desde Afonso Henriques até ao sr. General Carmona*, passando duas vezes por sobre a calva de Bernardino Machado, dá-o como nascido... (oh ingratição!) em Coimbra.

E nós que estávamos tam habituados à *canção do berço!*

Mas não é tudo. O distinto investigador sr. Augusto C. Pires de Lima, apresenta-nos também, no prefácio da nova edição do *Auto da alma*, uma curiosa hipótese acerca da tam discutida naturalidade do que nós consideravamos *nosso* Gil Vicente. Segundo a opinião do

De Guimarães a Vigo
uma excursão escolar

Os estudantes da Escola Commercial e Industrial «Francisco de Holanda», desta cidade, vão realizar uma excursão a Vigo, no próximo mês de Junho.

Fez bem o grémio associativo dos alunos dêse estabelecimento de ensino em assim deliberar, certo que êles aliados e ajudados pelos seus ilustres professores aproveitarão o passeio à linda e moderna terra do país visinho para uma grande lição de coisas.

Alem do inter-câmbio escolar entre alunos dos mesmos estabelecimentos de ensino, — hoje tão recomendados como uma modalidade de ensino muito apreciavel para a cultura do espirito e permuta de relações — impõem-se ainda estas excursões de visita e estudo pelas vantagens que derivam em se conhecer um pouco mais do que a terra onde se nasceu, recolhendo da vida e numa época da vida, que é a mais impressionista, uma ideia mais ampla e mais suggestionante do mundo e das realidades que nos cercam.

E' evidente que, para ser frutuosa uma excursão de estudo, antecipadamente devem os professores ministrar aos seus alunos, em prelecções a propósito, os conhecimentos da história e da etnografia que interessa à terra estranha que se propõe ser visitada. Olhar para as coisas, desprevenidamente, sem uma nótula ou uma impressão préviamente esclarecedora, é mutilar o sentido exacto dessas mesmas coisas, quer se trate de monumentos, de museus, de indústrias ou da própria fisionomia duma cidade.

Vigo, por exemplo, sendo como é uma cidade de ar moderno, guarnecidas as suas artérias de monumentais edificios, tem igualmente uma cidade velha erguida numa colina, onde há vestígios de muralhas, pedras seculares que falam tantas vezes melhor à nossa sensibilidade, focalizando mais

perfeitamente a genese social do povo que visitamos.

Simultaneamente enfrentar o seu admirável porto de mar e êsse magnífico interposto de pesca que se chama a ria de Vigo, é sentir a lógica necessidade de ir observar as suas fábricas conserveiras, — o que, para bem se traduzir na visita de uma hora fugaz, torna-se mister, por assim dizer, levar *de casa* alguns elementos esclarecedores registados no cérebro e no canhenho de viagem, tornando, repito, mais frutuosa e proveitosa a lição prática do passeio.

Não faltam aos alunos da nossa Escola Industrial e Commercial professores cultos capazes de desempenhar esta tarefa sugestivamente interessante e simpática de revelar à curiosidade dos seus discipulos aquilo que em Vigo e até Vigo vão ver, começando por se nutrir das belezas da paisagem e dos contrastes de correlação que o nosso Minho tem com essa provincia formosa da Galiza.

Para complemento, importa que os alunos se façam acompanhar, além do seu ilustre Director, com o maior número de professores, dando-lhes estes assim, por um acto de solidariedade escolar, excelente testemunho de simpatia e de interesse pedagógico, de vantagens reciprocas, — procedimento êste que se desdobrará em beneficio e progresso para a Escola Industrial e Commercial, tam carecida do entusiasmo e da fé que lhe regateiam tantos do que na nossa terra lhe não atingem a finalidade...

E já que a excursão escolar se estende carinhosamente para os antigos alunos, proporcionando-lhe um magnífico ensejo de solidariedade escolar, é me lícito pôr esperanças de voltar uma vez mais a Vigo onde tanto há que ver e admirar — o que é o regalo espiritual dos meus olhos!

A. L. DE CARVALHO.

distinto investigador, tem que se pensar «na hipótese de Gil Vicente ser natural de uma povoação — Guimarães — fora da provincia do Minho, provincia superficialmente tratada pelo Poeta. Há, entre as terras dêse nome, uma na freguesia das Chãs de Tavares (Mangualde), onde nos surge também a povoação de Guimarentinhos.»

Não acham desolador tudo isto? Estamos chegados a um período agudo da nossa vida. Tudo nos querem levar. Nem ao menos nos deixam ficar a ilusão de que Afonso Henriques e Gil Vicente nasceram aqui nesta terra que aos nossos

olhos parece tam linda. Mas — senhores investigadores — não investiguem mais nada, por favor. Deixem-nos ao menos a ilusão de que o Castelo que lá está no alto, e nós nos habituamos a olhar com veneração e respeito, é só nosso e existe. Deixem-nos mais a ilusão de que a Batalha de S. Mamede se desenrolou junto dos muros da nossa cidade e não... em S. Mamede de Infesta. Deixem-nos ainda ao menos a certeza de que Guimarães existe neste planeta e não anda transviada e errante... na lua.

VILAFLO.

Manejos frustrados

Mal refeitos das pugnas em que temos andado empenhados para manter a integridade do concelho, já no visinho concelho da Póvoa de Lanhoso se trabalhava para que do nosso fossem desanexadas quatro freguesias — Caselões, Arosa, Gondomar e Donin.

O perigo, porem, está arredado. Os habitantes daquelas freguesias, numa compreensão nítida do valor dos dois concelhos, das possibilidades que cada um dêles pode dispor em seu beneficio, não estão dispostos a fazer o jogo de quem tomou tal iniciativa.

Honra lhes seja.

Mais um...

Porque ainda não haviamos tido o prazer de ler o livro «Jornadas» do ilustre escritor dr. Brito Camacho, só há dias nos foi dado o regalarmo-nos com alguns pedaços de prosa dêsse livro, que encontramos transcritos num jornal brasileiro.

Esses pedaços de prosa, a que não poderemos, como desejariamos, considerar como tendo beleza literária, ou, sequer, bom senso, são de uma infelicidade manifesta e inferiorizam bastante o já tam falado e quasi unânimemente aceite espirito de S. Ex.^a

Dizem êles respeito a «*Guimarães — berço da monarquia*».

Depois de António de Cértima, o sr. Brito Camacho — guardadas as distâncias, claro está. Não podemos, neste momento, mau grado a nossa boa vontade em fazê-lo, analisar o arrasoado de S. Ex.^a, que tem, sobre o do celebrado Cértima, a virtude muito louvável de possuir uma perfeita correção gramatical.

Fica para o próximo número.

...Estamos certos que S. Ex.^a vai desculpar aos pigmeus o terem a veleidade de se que-rem medir com gigantes...

NOUTRO lugar publicamos um anúncio de **A Previsão**, sociedade mútua de seguros de vida.

Como mútua que é, não só garante aos seus segurados a participação nos seus lucros, que só por êles são distribuidos como únicos sócios, mas também lhes permite a fiscalização directa dos negócios da Sociedade pela sua intervenção nas Assembleias Gerais que por êles são exclusivamente constituídas, vantagens estas que a distingue de todas as outras Sociedades — anónimas — de seguros, em que os segurados estão sob a tutela dos acionistas.

Por isso chamamos a atenção dos nossos leitores para o anúncio referido.

Da Literatura

ESCRITORES BRASILEIROS

A AGULHA E A LINHA

(APOLOGO)

Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:

—Porque está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste mundo?

—Deixe-me, senhora.

—Que a deixe? Que a deixe, porquê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim; e falarei sempre que me der na cabeça.

—Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida, e deixe a dos outros.

—Mas você é orgulhosa.

—De certo, que sou.

—Mas porquê?

—E' boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama quem é que os cose senão eu?

—Você? Esta, agora, é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu? Você fura o pano, e nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...

—Sim; mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo ao que eu faço e mando.

—Também os batedores vão adiante do imperador.

—Você imperador?

—Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e infimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...

Estavam nisto, quando a costureira chegou á casa da baroneza.

Não sei se disse, que isto se passava em casa de uma baroneza, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela.

Chegou a costureira, pegou no pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana,—para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha:

—Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima...

A linha não respondia nada; ia andando. Buruco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e altiva, como quem sabe o que faz e não está para ouvir palavras loucas. A agulha, vendo que ela não lhe respondia, calou também, e foi andando. E era tudo silêncio na sala de cos-

tura; não se ouvia mais que o plic—plic—plic—plic—da agulha no pano.

Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte; continuou, ainda, nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veio a noite do baile, e a baroneza vestiu-se. A costureira que a ajudou a vestir-se levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E enquanto compunha o vestido da bela dama e puxava a um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha, para mofar da agulha, perguntou lhe:

—Ora agora diga-me quem é que vai ao baile, no corpo da baroneza, fazendo parte do vestido e da elegancia? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada: mas um alfinete de cabeça grande e não menor experiencia, murmurou á pobre agulha:

—Anda, aprende, tola. Carças-te em abrir caminho para ela, e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei esta historia a um velho professor, que me disse, abandonando a cabeça:

—Tambem eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!

MACHADO DE ASSIS.

Nossa Senhora da Guia,
Guia os pobres navegantes
Que vão, em rude porfia,
Sobre as ondas inconstantes.

Do Sport

O Campeonato de Foot-Ball em Portugal e os árbitros — O jogo Vitória-Académico (Infantil) — A Desportiva Vimaranesense

No passado dia 3 realizou-se a oitava final do campeonato de Foot-Ball de Portugal; três grupos reclamaram desse resultado fundando as suas reclamações na questão da arbitragem. Não sabemos o que resolverá a F. P. F., contudo diremos:

A questão da arbitragem em tôdas as manifestações desportivas é a mais delicada. Da energia, da competência e tacto do juiz de campo depende, na maioria dos casos, no solo onde se desenrole o «match» seja normal e conforme as leis do desporto, define também que o resultado seja justo.

Havemos dito que a figura do árbitro é tão interessante como as dos contendores da pugna desportiva; mas, quando se trata de um desafio de foot-ball ha que atender de que é difficil e ingrata a tarefa e por isso deve ser encomendada a quem ofereça as maiores garantias.

Não é o mesmo arbitrar um «match» de «tennis» por muito decisivo que seja, que um encontro de foot-ball.

Neste, pela multiplicidade de elementos que intervêm, e especialmente pela paixão dos aficionados, as difficuldades são muitas, e não é bastante, como em outros desportos, em conhecer as regras do jogo e aplicar as sanções pertinentes.

E' necessário, mais, possuir uma inteireza grande, não se deixar impressionar pelos gritos dos espectadores, que com elles desconcertam os árbitros e as consequências immediatas.

Essa qualidade, a energia, é a mais importante. Ela eleva a autoridade, que é a base principal para que um árbitro possa cumprir a missão aiosamente.

Temos visto actuar a mais de um árbitro que, no decorrer de um desafio errou repetidamente; porem eram tão enérgicas as suas

atitudes, tão terminantes seus silvos e tão eloquentes seus mandos, que soube dominar o público e jogadores, classificando depois aquele e estes de admiravel o seu labor.

Pois bem; se esse árbitro, em lugar de enérgico, houvera feito soar seu silvo timidamente, se houvera tolerado protestos e advertências dos jogadores não conseguiria terminar a sua missão.

Assim, pois, a enegia, a firmeza nas suas decisões, a autoridade em suma é o que deve buscar-se em um árbitro de foot-ball.

Ás 10 1/2 horas do dia 3, já o campo da Perdiz estava bastante animado, e ao começar o encontro Vitória-Académico do Pôrto (infantil) a assistência era numerosa. Fazia gosto ver os pequenos, cheios de garbo e envaidecidos por verem o campo cheio de espectadores que acorreram para presenciar o seu trabalho; competidos dos papéis que lhes foram confiados, empenhando-se a fundo, com entusiasmo e respeito, deante do grande publico e em atenção aos mandos de quem a si chama o desempenho de uma das mais nobres missões na sociedade.

Ao Académico faltou-lhes uma técnica mais perfeita e uma compreensão melhor entre os defensores e os atacantes; possuiu contudo um bom guarda-rêdes.

Se não fora a excelência e a chance dos seus defensores e a equipe do Vitória teria conseguido nos últimos minutos de intensa actuação resultados que talvez influissem numa modificação da contagem final. O 2-0 a favor do Vitória seria talvez 4-0.

Na linha do Vitória não houve a ligação necessária entre os *halfs* e os *forwards*, capaz de conseguir um resultado mais pratico. A distribuição não era feita com a estabilidade necessária, como imprecisos eram os remates finais. Nos três homens do reduto final é que residiu a maior parte da brilhante defensiva oposta. Não demonstraram, a não ser na fase final, a perfeição que os tem notabilizado nos dois últimos encontros em que arrancaram o titulo de campeão ao S. C. B.

A. Freitas e Virgilio foram os favoritos da tarde.

Ao conselho técnico do V. F. C. chamamos a sua atenção para a maneira como os jogadores entram no campo.

Somos informados que a Direcção do V. F. C. está trabalhando afincadamente para o engrandecimento do mesmo Club; assim como nos informaram também que se vai fundar um novo grupo com o nome de Artista Foot-Ball Club. —LUAR.

A Previsão

Sociedade Mútua de Seguros de Vida

— Séde — Largo Barão do Quintela, 3 - 1.º — Esquerdo —

Todos os segurados são sócios com direito portanto à comparticipação nos lucros e a tomar parte nas Assembleias Gerais. Fazer um seguro de vida é assegurar o próprio futuro e os dos que nos pertencem.

DIRECTORES:

General Sá Cardoso, Coronel Ferreira Martins, Engenheiro Duarte Ferreira, Drs. Tiago Sales e Borges de Souza e comerciante Luís Ramos.

Agente em Guimarães — José de Oliveira.